



CONEXÃO UNIFAMETRO 2020

XVI SEMANA ACADÊMICA

ISSN: 2357-8645

MEDICALIZAÇÃO DA VIDA: a captura dos discursos periféricos

Raquel de Souza Xavier

Centro Universitário Fametro - Unifametro
raqueldsx@gmail.com

Felipe Magalhães Ramos

Discente - Centro Universitário Fametro - Unifametro
magalhaes.felipe17@gmail.com

Área Temática: Processo de Cuidar.

Encontro Científico: VIII Encontro de Iniciação à Pesquisa.

Introdução: Esse material, assim como tantos outros nossos, surge das inquietações que nos deparamos nas práticas, nas discussões teóricas, mas principalmente, nos encontros e desencontros de idéias. Nos deteremos a nos indagar sobre uma das inquietações mais caras em nosso campo teórico/prático, pensar os processos de medicalização. No campo psicológico, nos é ensinado a farmacologia, os processos neurológicos/fisiológicos, como avaliar as necessidades diagnósticas, no entanto, não somos responsáveis sobre a dosagem em si, mas aos documentos legais para legitimar tais prescrições. Aqui, nos questionamos, qual a funcionalidade da Psicologia no processo de medicalização, mas para além disso, que processos legitimamos no exercício dessa função. Para adentrarmos nas discussões, é necessário discorrermos sobre a construção da loucura, um dos processos ao qual a medicalização é utilizada como recurso para solucionar as questões. Michel Foucault (1972) se dedica a questionar e traçar a historicidade do processo de construção da loucura, como uma trama que passa por diferentes modificações durante as diferentes épocas e sociedades, tornando-se ferramenta de criminalização e exílio dos sujeitos doentes, e ao criar esta divisão entre normal e anormal, é necessário saberes que legitime os processos de reconhecimento destes sujeitos assujeitados. Ou seja, na criação do imaginário do anormal/perigoso/indolente, faz-se necessário a criação de ferramentas que sustentem lógicas discursivas, seja para criminalizar, medicalizar, controlar, ou mesmo aniquilar, nesse processo de captura dos modos de vida. Erving Goffman (2015), por sua vez, questiona as instituições e seus discursos no processo de despersonalização dos indivíduos, desde o processo de captura (inserção do sujeito na instituição) aos processos de rotina que apagam as características individuais dos sujeitos e suas relações anteriores. Pelo o que fora dito até aqui,



CONEXÃO UNIFAMETRO 2020

XVI SEMANA ACADÊMICA

ISSN: 2357-8645

conseguimos visualizar dois processos: diagrama e dispositivo. Quando nos referimos ao diagrama, apontamos para os enlaces discursivos de uma ideia, e ao falarmos de dispositivo, seria assim a extensão, ferramenta ou recurso de execução de um diagrama. Por exemplo, a configuração de loucura é um dispositivo que possui em sua construção e execução idéias que a sustentam. Outros dispositivos para cargo de exemplificação: Estado; sexualidade; drogas. Seus diagramas são móveis, modificando a depender da época, sociedade e funcionalidade discursiva. Ao que tange a medicalização, a vida tornou-se objeto a ser controlado, desde uma insônia à uma regulação de um transtorno, não se restringindo mais ao adoecimento. Se medicaliza para viver, para trabalhar, para dormir, para dar conta da existência, seja sozinho ou em grupo, seja prescrito ou não, lícito ou ilícito. A medicalização da vida virou questão, e como questão é necessário nos questionarmos a quem estes processos servem e quais (im)possibilidades são forjadas nesse existir contemporâneo. Se mostrando potente na medida em que busca trazer reflexões sobre a práxis da Psicologia, como também, as demais categorias da área da saúde. Repensando através da literatura outras configurações de cuidado, pautadas em uma ética que leve em consideração as existências. **Objetivos:** Frente ao que fora apontado, buscaremos neste trabalho analisar os jogos de verdade e medicalização da vida por meio de uma obra de Carolina Maria de Jesus. **Métodos:** Esta produção se trata de uma reflexão teórica sobre os processos de medicalização da vida, resultado dos diálogos entre os integrantes da monitoria de Psicologia Social II e Iniciação Científica. Ambos com desenvolvimento de pesquisas na área da Psicologia Social Crítica e Comunitária, vinculadas ao Programa de Iniciação Científica e Monitoria (PROMIC) e da Coordenadoria de Pesquisa e Monitoria (COOPEM), do Centro Universitário Fametro – Unifametro, com vigência de março a novembro de 2019. Partindo dos tensionamentos encontrados nos resultados de ambas as pesquisas, estas intituladas "A Itinerância Dos Cuidados Em Saúde: A Inserção E A Contribuição Da Psicologia Nos Contextos Comunitários" e "Dilemas Éticos e Políticos da Formação: um relato de experiência da monitoria em Psicologia Social", destacamos os principais temas articulados para os encontros postulados neste trabalho. A começar pelos destaques teóricos do trabalho da iniciação científica, consideramos as temáticas: Relações de Poder, Biopolítica, Cuidado de Si, Itinerância e Acompanhamento Terapêutico. Os recortes realizados nesta pesquisa tiveram como base referencial: Gomes et al. (2019), Taylor (2018), Butler (2015), Mélo (2018), Teixeira e Vilas-Boas (2013), Rubem Alves (1999), Foucault (1984), Spink e Medrado (2013), Lancetti (2006), Lemke e Silva (2012), Mbembe (2018), entre outros. Por outro lado, destacam-se na pesquisa desenvolvida a partir da monitoria, as



CONEXÃO UNIFAMETRO 2020

XVI SEMANA ACADÊMICA

ISSN: 2357-8645

temáticas: Formação crítica em Psicologia, Violência, Racismo e Pobreza. A base referencial deste trabalho foi: Bock (2007), Cabral (2015), Martín-Baró (2017), Ximenes (2017) e Yamamoto (2012). No entrelaçamento das discussões de ambas as pesquisas, nos deparamos com uma obra literária que movimentou inquietações e reflexões acerca da nossa atuação enquanto psicólogos em formação. Esta obra foi Quarto de Despejo - memórias de uma favelada, da autora Maria Carolina de Jesus. Foi a partir do relato do seu cotidiano que nos questionamos sobre quais as responsabilidades éticas e discursivas pautamos nossa prática. O desenvolvimento desta produção envolveu tempo de estudos pessoais, articulados a leitura de artigos que atravessam as temáticas da medicalização da vida, discursos e jogos de verdade, bem como o uso de trechos da obra de Carolina Maria de Jesus. Portanto, a abordagem deste trabalho é do tipo qualitativa, por compreender a importância da análise do discurso do sujeito atravessado cotidianamente pelos processos de pobreza e miséria. **Resultados:** Ao discutirmos sobre medicalização da vida, é necessário antes pensarmos alguns cenários e em alguns desdobramentos. Quando nos referimos aos medicamentos, partimos de um entendimento que estes são drogas lícitas em certas medidas e situações em nossa sociedade, como: fazer uso de morfina para anestesiá-la, fazer uso de rivotril para tranquilizar, ritalina para manter o foco, entre outras substâncias e funções. Sabemos que existem sujeitos que fazem uso de tais medicações sem prescrição e para fins de produtividade ou de ajuste social, no entanto, raras destas situações são lidas como um problema ou uma questão a ser enquadrada em uma patologia ou que devam ser penalizadas. A exemplo das críticas realizadas sobre a medicalização da vida, temos a pesquisa de Mélló e Garcia (2016), que questiona sobre a exacerbação diagnóstica e medicamentosa dos processos de infância, a criação de uma infância chapada, tanto em relação aos efeitos letárgicos da medicação como uma produção de um sujeito liso, obediente, que não questiona. Se é agitado demais, se é calmo em excesso, quando se comunica muito ou pouco, se brinca ou não, olha ou não, cada comportamento desta criança é tomado como algo a ser observado, capturado, para ao fim, seguir uma compreensão de normalidade forjada na/para a contemporaneidade. Quando adentramos em equipamentos de saúde, essas tentativas de captura são uma exigência da instituição, e aqui, pontuamos que nossa crítica não visa destruir ou esvaziar a concepção de um tratamento medicamentoso ou de um diagnóstico, mas tensionar suas funções e suas éticas com esse sujeito que vai ou é encaminhado aos equipamentos de saúde. E pensarmos, juntas, que leituras e construções estamos forjando ou sustentando em nossas práxis. Ao lermos a obra *Quarto de despejo - Diário de uma favelada* (1960) em uma leitura "desavisada" ou



esvaziada, podemos cair nas tentativas de capturar em nomenclaturas diagnósticas ou em uma redução da vida. Será uma depressão? Ela quer cometer suicídio? Chamamos o conselho tutelar ou um CAPS? Mas quando se lê a existência em sua complexidade conseguimos de fato ter um contato real com a vida da personagem, mais ainda, com a vida das donas Marias, Joanas, Raimundas, que encontramos em nossas realidades. Aqui, trago trechos da escrita de Carolina Maria de Jesus (1960) para tensionar nossas leituras, a primeira do dia 13 de maio de 1958: "Eu tenho tanto dó dos meus filhos. Quando eles vê as coisas de comer eles brada: - Viva a mamãe! A manifestação agrada-me. **Mas eu já perdi o habito de sorrir.** Dez minutos depois eles querem mais comida" (p 27). Em uma tentativa de dizer sobre o outro, podemos dizer que seriam sinais de uma depressão, que muitas vezes não houve uma escuta real ou um olhar para a realidade de quem fala de si, e quase do automático, perguntar sobre essa perda e sua frequência. Outro trecho, data do dia 16 de maio de 1958: "Eu não ia comer porque o pão era pouco. Será que é só eu que levo esta vida? O que posso esperar do futuro? **Um leito em Campos do Jordão. Eu quando estou com fome quero matar o Janio, quero enforcar o Adhemar e queimar o Juscelino. As dificuldades corta o afeto do povo pelos politicos**" (p. 29). Ela quer se matar? Quer matar outros? Seria uma ameaça? Enquanto estas indagações forem as primeiras a surgir como questões, precisaremos nos tensionar. Por um lado as tentativas de um diagnóstico e uma medicalização, por outro, a criminalização. "Mas ela disse isso". Ela disse isso ou você fez essa captura em sua "escuta"? Nesses trechos, falou-se sobre as dificuldades de se viver em uma favela, sobre o trabalho, as relações familiares, sobre a dificuldade de ser mãe solo e sanar a fome dos seus filhos, sobre os afetos e o não tempo para ser afetado. Dizemos sobre muitas coisas, pois a vida é essa complexidade, e não seria diferente com as Marias, Joanas, Raimundas, Pedros, Antônio, Josés. Um tensionamento potente sobre os processos de medicalização e criminalização da vida é apontado por Tadeu de Paula Souza (2018) quando questiona a lógica de sujeitos auto responsáveis do discurso neoliberal, empresário de si, como se as organizações sociais não interferissem na existência dos sujeitos, esvaziando as discussões de raça, classe, gênero, sexualidade, com um discurso meritocrático, sendo o indivíduo o responsável por suas conquistas ou o fracasso. Se entra na lógica neoliberal, sustentará a produtividade em excesso, e para tal, recursos serão necessários, lícitos ou ilícitos. Se fracassa, recursos também serão usados, no entanto, sem o véu da produtividade esse mesmo ato será criminalizado. Entre a medicalização da vida ou a criminalização, esse sujeito será capturado e reduzido a objeto. Um último aspecto a ser considerado nas análises possíveis a este texto é a emergência de um olhar multidimensional



sobre a pobreza. Moura Jr. et al. (2014), problematizam que considerar a pobreza apenas em uma perspectiva unidimensional focalizando apenas na questão monetária, despreza fatores que constituem o bem-estar do indivíduo em sociedade, portanto, é não considerar os contextos sociais, culturais e vivenciais. Estes autores, seguindo nessa mesma lógica, propõem abordar que é preciso considerar uma multidimensionalidade sobre a pobreza, destacando a saúde, educação, padrão de vida, condições psicológicas e sociais. Uma análise aprofundada sobre estes aspectos relativos a pobreza poderia ser o medidor para evitar intervenções rasas que não consideram os diversos contextos que atravessam a vida de pessoas em condições de pobreza. **Conclusão/Considerações finais:** Debater um tema tão caro a nossa atuação é, antes de tudo, uma posição ética, mas também a experimentação do lugar crítico da profissão. É preciso compreender os marcadores de análise destacados ao longo do texto como potencialidades para uma atuação comprometida com novas redes de cuidado. Apostou-se ao longo da escrita, nas entrelinhas dos discursos rasos que envolvem o tema da medicalização da vida, até então colocada a favor da manutenção dos modos de viver, anulando suas potencialidades. Acreditamos que a Psicologia deve ser colocados em favor das perspectivas sociais, considerando todo e qualquer ser humano em seus contextos específicos e desconsiderando qualquer tipo de análise *única* dos processos psicossociais. Não à toa buscamos pautar esta produção no relato de uma mulher preta, pobre e favelada, a fim de produzir um outro olhar sobre seu discurso. Este texto abre a possibilidade para outros estudos mais aprofundados sobre o assunto, principalmente em uma abordagem voltada para os contextos sócio-políticos, tão necessários para a prática.

Referências:

FOUCAULT, M. **História da loucura na idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo – diário de uma favelada**. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

MÉLLO, R. P. GARCIA, P. D. da C. Infância Chapada: a medicalização do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade. In: PIANI, P. P. F. MOREIRA A C. G.; BRIGAGÃO, J. L. M. (Org.). **Direitos Humanos, Saúde Mental e Drogas**. Belém: Pakatatu, 2016. p. 146-162.

MOURA JR. *et al.* Concepções de Pobreza: Um Convite à Discussão Psicossocial. **Temas em Psicologia**, v. 22, n. 2, p. 341-352, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000200007. Acesso em: 22 set. 2020.



CONEXÃO UNIFAMETRO 2020

XVI SEMANA ACADÊMICA

ISSN: 2357-8645

SOUZA, T. P. **Estado e sujeito: a saúde entre a macro e a micro política de drogas.** São Paulo: Hucitec, 2018.

Palavras-chave: Medicalização da vida; Jogos de verdade; Discursos periféricos.